

Sarney afirma ter apoio dos militares



Protásio Nêne

Ainda tenso, o presidente Sarney embarca para São Paulo, acompanhado de Ulysses Guimarães

O presidente José Sarney garantiu ontem, em São Paulo, que "a transição democrática se completa dentro de um clima de paz e segurança" e que, nesse processo, tem contado com a colaboração "dos políticos brasileiros e das Forças Armadas". As declarações de Sarney foram feitas no Palácio dos Bandeirantes, um dia após ele ter exonerado da chefia do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA) o brigadeiro Paulo Roberto Camarinha, por ter discordado da política salarial do governo.

Sarney esteve no Palácio dos Bandeirantes para participar da assinatura de um convênio de unificação e descentralização do sistema de saúde. Dirigindo-se a uma platéia composta basicamente por prefeitos e vereadores do interior paulista, além de secretários do governador Orestes Queríca, o presidente afirmou que "a crise brasileira é *sui generis*; grande parte dos problemas está na cabeça das pessoas e não na realidade dos fatos".

O recadastramento dos aposentados e pensionistas da Previdência Social foi comentado pelo presidente, que ressaltou a importância de combater as irregularidades e fraudes, com considerável economia de recursos. "A corrupção — afirmou — é uma erva daninha que tem de ser combatida, senão sua tendência é a de se ramificar."

O presidente voltou a citar dados da economia do País, destacan-

do que o Brasil é a terceira nação do mundo no saldo de sua balança de exportações, "que nesse ano foi da ordem de 15 milhões de dólares, seguida apenas pelo Japão e Alemanha Ocidental". Sarney observou ainda que pretende aumentar o número de escolas técnicas no interior do País e citou a importância dos trabalhos de elaboração da nova Constituição. Fizeram parte da comitiva do presidente os ministros das Relações Exteriores, Abreu Soárez; da Agricultura, Íris Resende; do Trabalho, Almir Pazzianotto; das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães; da Previdência Social, Renato Archer; do Gabinete Militar, general Rubens Bayma Denys, além do presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães.

PANFLETOS

A solenidade no Palácio dos Bandeirantes foi realizada após Sarney participar, no estádio do Pacaembu, das comemorações dos 80 anos de imigração japonesa para o Brasil. A colônia japonesa, que lotou o local, ficou assustada com os milhões de panfletos distribuídos pelos correligionários do secretário estadual de Obras, João Oswaldo Leiva, candidato do governo Orestes Queríca à prefeitura paulistana pelo PMDB.

O panfleto elogiava Leiva, qualificando-o de "tocador de obras", mas em momento algum citava claramente que o secretário é virtual candidato à sucessão do prefeito Jânio Quadros. Apenas na contracapa havia uma referência ao partido a que Leiva pertence: "Mãos à obra, Leiva — PMDB".

Em sua permanência em São Paulo, repetindo a atitude tomada em Brasília, Sarney evitou a imprensa, e, sempre que pôde, passou ao largo dos cordões de isolamento. No aeroporto, apesar da insistência dos jornalistas que o aguardavam, ele limitou-se a comentar a demissão do brigadeiro Paulo Roberto Camarinha, como um assunto administrativo que está sendo resolvido. Os membros de sua comitiva também se recusaram a dar entrevistas. Renato Archer foi o único que se prolongou nos comentários. Para ele, a autoridade do presidente foi reforçada com essa decisão.

QUÉRCIA

"Eu não sou candidato à Presidência da República", afirmou Orestes Queríca, acrescentando que seu grande objetivo é terminar o mandato como governador. O dr. Ulysses, disse, "é o candidato natural do PMDB e, como tal, fatalmente será o vencedor das eleições".

A saída do líder Mário Covas foi lamentada por Queríca, mas, segundo ele, a unidade do PMDB permanecerá, "pois o partido está acima das lideranças, mesmo as mais expressivas". O momento, conclamou o governador, é de unidade e de apoio ao presidente do partido, Ulysses Guimarães.